

DE LITERATURA, POLÍTICA E MUITOS OUTROS AFETOS: ENTREVISTA COM NATALIA BORGES POLESSO

Flávio Adriano Nantes

Tenho me pensado como lugar, sabe? Um corpo é um lugar? O corpo como metáfora de lugar, percorrido, uma cartografia de vida, com suas marcas, sinais, ilhas. Não uma correspondência exata, como se o cérebro fosse uma parte cultural da cidade e o estômago uma parte gastronômica, mas um mapa caótico, sem fronteiras, onde as ruas vão dar em becos escuros.

(Natalia Borges Polesso, *Amora*)

É inegável que a literatura seja um artifício político, como os corpos também o são, pois ambos se materializam, resguardadas as diferenças estruturais de cada um dos objetos, por intermédio do mesmo material – a linguagem. É lugar-comum afirmar que a linguagem nunca é neutra, senão um posicionamento no/do mundo para quem dela lança mão. Estaríamos, neste sentido, refutando a inutilidade do ofício poético? Manoel de Barros, ao longo de um vasto projeto estético, demonstrou que também se constrói sentidos com elementos inúteis.

Se o texto é político, o corpo que o materializa também é. Assim, Natalia Borges Polesso leva esta proposição à última consequência, conforme pode ser observado em suas obras literárias, acadêmicas e confirmando agora nesta extensa entrevista. Para a escritora, a cara da literatura brasileira sofreu significativas transformações não apenas na representação de um modelo hierárquico que sempre ocupou a esfera mais alta da estratificação social, mas também na própria autoria. Ela pondera acerca da expansão, na última década, da literatura escrita por pessoas negras, indígenas e LGBTQIAPN+, o que se confirma com a entrada de Ailton Krenak para a ABL – Academia Brasileira de Letras, como o primeiro indígena a ocupar uma cadeira da instituição, em 2024; a ocupação de espaços literários pouco visitados por mulheres e homens negras/os, como prêmios, homenagens e publicações – Conceição Evaristo, Itamar Vieira Junior, Jeferson Tenório, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva, Jarid Arraes, Miriam Alves, entre outras/os. Polesso, no entanto, não parte de uma perspectiva utópica ingênua, pois acredita que

ainda não atingimos um ideal e que estamos longe de ter uma literatura que represente o Brasil na completude.

Se algo mudou na literatura e ela já não é mais a mesma, os objetos e métodos de análise também não podem ser os mesmos. Em outras palavras, a crítica literária não pode mais se comportar como antes, pois o cânone sofreu alterações; os sujeitos da escrita, outrora marginalizados e silenciados por uma crítica hegemônica, passam a ocupar, também, lugares no cerne da literatura; e juntamente com este novo contingente autoral, outros sujeitos passam a ser representados. Agora são por elas/eles/elxs/elus por elas/eles/elxs/elus mesmas/mesmos/mesmxs/mesmus. Neste sentido, as palavras de Eneida Maria de Souza (2021) endossam nosso pensamento ao afirmar que “[...] a vinculação da crítica literária a temas sociais, culturais e políticos com vistas a estender a abordagem dos procedimentos intrínsecos do discurso [é] uma das tendências da prática interdisciplinar da contemporaneidade” (SOUZA, 2021, p. 95).

Relacionando as palavras da escritora às da intelectual brasileira é inegável a urgência de um modo outro de ler/enxergar, dar tratamento ao objeto literário. A literatura, agora, convoca novos saberes, outras abordagens metodológicas, diferentes modos de leitura. Proposições teórico-críticas do passado, numa perspectiva democrática de não exclusão, podem ser convocadas pelo texto literário, desde que atualizadas/adaptadas às novas demandas sociais, ainda hoje, sonegas e invisibilizadas por muitos setores da sociedade. “O retorno” de determinadas teorias “não significa repetição sem diferenças, mas persistência no elo igualmente produtivo dos *remakes* e dos *revivals*” (SOUZA, 2021, p. 100).

A própria literatura de Natalia Borges Polesso não passa incólume a este novo modo de análise, ela convoca novos olhares, outras abordagens que coloquem no centro da discussão aqueles sujeitos cujas vivências não foram representadas. A representação, no entanto, não significa que os problemas sociais tenham sido resolvidos; a literatura funciona, neste sentido, como um gesto político que denuncia as atrocidades ainda perpetradas contra determinados corpos.

Do ponto de vista histórico e político, em virtude de mudanças verificadas no atual ambiente global, acredita-se que o papel da crítica seria o de endossar posições que levassem à observação do momento presente em direção ao que poderia ter sido recalcado no passado. [...] Na atual conjuntura global, em que se processa a virada direitista na política e nos costumes, como ignorar preconceitos diante dos direitos de classe social, raça, etnia e gênero? Como menosprezar a urgência de uma militância por

parte dos intelectuais no centro dos interesses acadêmicos? (SOUZA, 2021, p. 100-101).

É fato que a literatura direcionou seu olhar para outras perspectivas, legitimando também outras assinaturas autorais, deslocando os minorizados para o centro do debate e oportunizando aos leitores a ampliação de horizontes em relação a sujeitos que outrora sequer eram pensados. O discurso literário e a crítica estão contaminados e, por conseguinte, os leitores também, assim, uma literatura (e crítica) branca-patriarcal-cishétero-cristã passa a conviver, no interior do sistema literário brasileiro, com uma literatura (e crítica) preta-feminina-LGBTQIAPN+-de religião cuja matriz é africana.

Os temas aqui elencados perpassam pela longa entrevista concedida pela escritora Natalia Borges Polessó que respondeu com afinco e inteligência estética, de forma humorada e política, as perguntas de escritoras e escritores de diversas partes do Brasil que conhecem, estudam e endossam sua literatura.

Referências

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

SOUZA, Eneida Maria de. "Crítica cultural: um fio de fumo" *In*: SOUZA, Eneida Maria de. **Narrativas impuras**. Recife: CEPE, 2021, p. 91-101.

Flávio Adriano Nantes¹: 2017 foi o ano em que conheci o seu *Amora*, na Festa Literária de Paraty, e desde então li quase todo o conjunto de sua obra, escrevi trabalhos, orientei uma pesquisa, mas foi este livro de contos que ficou incrustado em meu corpo linguagem, queimando-o por tudo o que ele significa (significará a cada nova leitura); neste sentido, a partir do conteúdo da obra, vc. acredita num projeto estético safista? se sim, o que significa ler e produzir esta literatura no Brasil hodierno?

Natalia Borges Polesso²: Eu acredito em projetos estéticos lésbicos. Acredito que muitas pessoas autoras têm pensado sua literatura, atentando para elementos e pontos de vista que consideram existências lésbicas. Isso muda a cara da literatura, assim como outros atravessamentos de raça, classe, gênero ou sexualidade. Isto é dizer que eu acredito em projetos estéticos lésbicos, assim como acredito em projetos estéticos negros, indígenas, trans, para citar alguns. Não é apenas uma questão de querer inserir pautas na escrita, é sobre uma mudança social na qual enxergamos importância nas nossas questões diante do mundo e junto disso a possibilidade de pensá-las em projetos estéticos, de elaborá-las de modo mais radical. Isso resulta finalmente em novos pontos de vista, novos conflitos, novas sintaxes, novos elementos literários. Sobre a questão do termo *sáfico*, eu, particularmente, prefiro usar *lésbico/lésbica*, pois há uma vasta discussão acerca dessa palavra. É nessa chave que pesquiso e é o termo que aparece mais em discussão nas teorias que leio. Percebo que atualmente há um uso bastante comercial da palavra *sáfica*, para adjetivar uma literatura, utilizada hoje não intercambiavelmente com *lésbica*,

¹ Flávio Adriano Nantes é escritor, professor e pesquisador na área de Estudos Literários da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, doutor em Letras (Teoria e Estudos Literários), desenvolve pesquisas a partir do texto literário e do cinema no âmbito dos estudos de gênero (corporeidades, interseccionalidades, gênero e sexualidades dissidentes, patriarcado eclesiástico), estética da suspeita, escritas afetiva e criativa.

² Natalia Borges Polesso é escritora, tradutora e pesquisadora. Entre 2023 e 2025 realizou estágio no Programa de Pós-Doutorado Júnior, na PUCRS, com bolsa CNPq/FAPERGS. Sua pesquisa está centrada no conceito de Antropoceno e visa observar as relações coloniais, LGBTQIAPN+ e a ecologia, na literatura brasileira contemporânea. É Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS), com período de doutorado-sanduíche na Sorbonne Université (2015). Tem 9 livros publicados e participações em diversas antologias. Entre seus livros estão *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013), *Amora* (2015/2022), *Controle* (2019), *Corpos secos* (2020), *A extinção das abelhas* (2021) e *Foi um péssimo dia* (2023). Natalia traduziu para o português Maryse Condé, Bahiyiyih Nakhjavani, Sandra Cisneros, Julián Delgado Lopera, Virginie Despentes entre outras pessoas. Em 2017, foi selecionada para a lista Bogotá39, que reúne os 39 escritores abaixo de 40 anos, mais destacados da América Latina. Ganhou e foi finalista de diversos prêmios, como o Prêmio Jabuti, o Prêmio São Paulo de Literatura, o Prêmio Açorianos de Literatura e o Prêmio Minuano e tem seus livros publicados em diversos países, como Argentina, Espanha, Estados Unidos e Reino Unido. Entre 2017 e 2021, foi pesquisadora PNPd na Universidade de Caxias do Sul, com a pesquisa *Geografias Homoafetivas*.

especialmente no nicho jovem adulto, o que penso servir às histórias de apagamento... mas isso já é outro assunto.

Cidinha da Silva³: Natalia, recentemente tu publicaste o teu primeiro livro para crianças, o *Formiguinhas* (FTD). O que te levou a criar essa história de uma criança que aguarda por outra que está sendo gerada e se tornará, então, a irmã mais velha? Como tu explicaria as diferenças da escrita para adultos e para crianças?

Natalia Borges Polesso: Essa história vem de um conto que está no meu primeiro livro *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013). Tenho um interesse especial por personagens crianças, gosto de tentar recuperar um modo de se relacionar com o mundo que é infantil, que passa pela minha infância em particular, mas que se relaciona com a ideia de uma linguagem e um pensamento infantil mais amplamente. Há crianças no *Amora*, no *Recortes* e há crianças nos meus dois próximos livros (*Foi um péssimo dia*, que sai pela Dublinense, 2023; e *Condições ideais de navegação para iniciantes*, que sai pela Companhia das Letras em 2024). Para mim, o desafio é justamente a linguagem, e no caso do *Formiguinhas*, a adaptação da linguagem para o público criança. Creio que a preocupação maior seja elaborar essa linguagem e imagens interessantes o suficiente para agarrar a curiosidade dessas crianças leitoras, sem que sejam simplificadas. É uma questão de perspectiva, de ponto de vista, um exercício de alteridade difícil, mas que vale o esforço do deslocamento.

Micheliny Verunsch⁴: Como você percebe a multiplicidade de vozes e lugares da autoria feminina no Brasil hoje?

³ Cidinha da Silva é escritora, palestrante, ministra cursos e oficinas literárias. Autora de diversos livros, entre eles, *Um exu em Nova York* (Pallas), ganhador do Prêmio Biblioteca Nacional, *Os nove pentes d'África* (Mazza Edições), selecionado para o PNDL literário de 2020, *Exuzilhar* (Pallas), *O mar de Manu* (Yellowfante), *A menina linda e outras crônicas* (Oficina Raquel), *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos* (Martelo), participou da coletânea *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade* (Companhia das Letras), finalista do Prêmio Jabuti de 2019.

⁴ Micheliny Verunsch é escritora. Escreveu, entre outros, *Geografia íntima do deserto* (Landy, 2003), *Nossa Teresa – vida e morte de uma santa suicida*, ganhador do prêmio São Paulo de 2015, *O movimento dos pássaros* (Martelo, 2020), ganhador do prêmio Biblioteca Nacional de 2021, *O som do rugido da onça* (Companhia das Letras, 2021), ganhador dos prêmios Jabuti e Oceanos de 2022. É autora ainda de *Desmoronamentos* (Martelo, 2022) e de *Caminhando com os mortos* (2023).

Natalia Borges Polesso: Acho que se pode apontar uma grande mudança que vem se consolidando nos últimos 10 anos. Acho que algo bem marcante foi o surgimento da hashtag *readwomen* em 2014 e, que no Brasil, gera o LeiaMulheres e diversos outros clubes de leitura. Tenho a impressão de que isso mudou a cara da leitura no país, não só a hashtag, mas os clubes que surgiram com ela, a demanda que ela cria nas editoras. Além disso, foi mais ou menos nesse período que começamos a ter uma presença mais marcante de booktubers, Instagramers de livro, essa comunidade cresceu. Para o bem e para o mal, a expansão da Amazon, cria a possibilidade de uma plataforma de autopublicação, os watsapp da vida também aparecem, mais prêmios surgem, nos anos anteriores os projetos de incentivo ao livro e leitura aumentaram... então o que quero dizer com isso é que nesses últimos dez anos, a cara da literatura mudou. Começamos a não ser mais mediados apenas por grandes jornais ou mídias, o contato direto com autoras via redes sociais aumentou. Tudo isso faz florescer uma multiplicidade que evidentemente está longe do ideal, mas que já nos apresenta uma pluralidade se pensarmos em questões de raciais, de classe, gênero e orientação sexual. Eu penso que essas mudanças não ocorreram sozinhas, acho que as políticas para o ensino e a ampliação do acesso à universidade, via universidade pública ou bolsas de fomento, fizeram a sua parte. As discussões de raça, classe, gênero, sexualidade vêm se construindo na diferença, no olhar oposicional, como diria bell hooks, nas transgressões. Assim, novos discursos vão se consolidando, novas questões surgem ao cânone, ao mercado, à crítica, às ementas embranquecidas e eurocentradas dos cursos acadêmicos, tudo isso tem mudado e ainda há um longo caminho pela frente. Estamos longe, mas já se pode sim ver mais pluralidade em temas e autorias.

Carol Rodrigues⁵: Em uma [entrevista para o Jornal do Comércio](#), você diz “Quando eu escrevo poesia eu tenho vergonha, e quando eu escrevo prosa, não tenho essa vergonha”. Do que é feita essa vergonha que vem com a poesia? E ainda: se a vergonha diferencia a escrita de poesia e prosa, qual sensação diferencia, no seu corpo, a escrita de conto da escrita de romance?

⁵ Carol Rodrigues é escritora, roteirista e curadora. Seu primeiro livro, *Sem vista para o mar* (Edith), recebeu os prêmios Jabuti e o da Biblioteca Nacional. Em 2017, publicou a novela digital *Ilhós* (e-galáxia) e, em 2019, o romance *O melindre nos dentes da besta* (7Letras), finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti. Lançou em 2023 o romance *A Mulher do Padre* (Todavia). É formada em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e tem mestrado em Estudos de Performance pela Universidade de Amsterdam.

Natalia Borges Polesso: Eu acho que sou da narrativa. Não sei ser poeta da poesia, sei ser poética na prosa, isso sim. A vergonha talvez seja essa de ser aprendiz num lugar que já é um tanto estabelecido para mim. Uma coisa besta. Sou uma escritora de prosa que é reconhecida, inclusive por ter uma prosa poética. Mas eu não sei quebrar linhas de modo que essa narrativa se torne poesia, e nem penso que seja esse o procedimento. Tenho vergonha do resultado dessas tentativas. Além disso, uma coisa que noto: quando escrevo prosa, escrevo sobre qualquer questão que me atravessa; já quando escrevo poesia, parece que estou sempre escrevendo sobre a dificuldade de escrever poesia, sobre sua linguagem. Não consigo atravessar esse abismo. Escrever poesia, para mim, é ficar presa no desespero diante da linguagem.

Adelaide Ivánova⁶: Como você chama as musas – tem algum ritual que funcione pra amenizar o writers' block?

Natalia Borges Polesso: Eu geralmente não tenho bloqueio. Eu escrevo muito, muito mesmo. O tempo todo. Me proponho exercícios, tomo notas, tenho arquivos com ideias boas e ruins e, de início, não sei diferenciar, só o tempo e os processos respondem a essa questão. Nem sempre escrevo para publicar, escrevo porque sim, porque gosto, porque é hábito. Mas também não escrevo todos os dias, o que não significa que não esteja pensando sobre algum projeto de livro. E eu sempre estou pensando em mais de um projeto por vez, isso não é um problema de modo algum para mim. Eu gosto desse pequeno caos. Quando muito raramente vem algo que eu identifico como bloqueio. Eu leio. Eu rabisco. Eu finjo que estou escrevendo qualquer baboseira. Na verdade, acho que as musas moram comigo ou, ao menos, estão sempre perto de mim. Sou curiosa com elas e acho que elas comigo.

Flávio Adriano Nantes: Numa perspectiva de escrita criativa, disciplina que faz parte do seu currículo profissional, o que diria para os meus alunos recém-chegados no curso de Teoria Literária ávidos por escrever literatura?

⁶ Adelaide Ivánova é poeta e organizadora comunitária pernambucana. Em 2018 ganhou o Prêmio Rio de Literatura por seu quinto livro, *O martelo*, publicado no Brasil, Portugal, EUA, Reino Unido, Alemanha, Argentina e Grécia. Em 2020 foi indicada aos prêmios Derek Walcott e National Translation Awards. Em 2021 foi bolsista-pesquisadora do Senado de Cultura de Berlim, onde vive desde 2011. Atualmente trabalha na sucursal alemã da revista Jacobin e é organizadora comunitária no movimento social por moradia DW&Co. Enteiigen.

Natalia Borges Polesso: Eu sou da teoria da literatura, não sou da Escrita Criativa acadêmica. Nunca fiz nenhuma disciplina de Escrita Criativa. Na realidade, tenho um grande desconhecimento teórico da área. Agora integro o programa de Letras da PUCRS, na área de Letras, mas numa intersecção entre Teoria e Escrita Criativa. Meu projeto atual é sobre o Antropoceno. Na pós-graduação, dei disciplinas teóricas sobre feminismos e questões de gênero, além de literatura e artes. De todo modo, eu acho que é um bom trânsito. Eu gosto muito de fazer oficinas livres, de estar junto para discutir os textos em grupo e pensar sobre seus mecanismos, embora não tenha muito tempo disponível para fazê-lo no momento. Penso em escrever como exercício de vida. Ainda quero dizer que acredito que a escrita como prática é importante, e as questões que perguntamos ao mundo, nossa curiosidade é matéria para essa prática. Isso é o essencial. Agora, como fazemos isso, se sozinhos, em oficinas, com amigos, na vida acadêmica é projeto, interesse e escolha de cada um.

Mariana Filgueiras⁷: Primeiramente, um tema que tem me instigado muito nas minhas pesquisas. Trabalho com a representação de identidades femininas subalternizadas e observo que mesmo em romances contemporâneos (especialmente pós-2015, com a chamada “Primavera das Mulheres”), nos quais a personagem vem assumindo mais centralidade, aparecendo mais como narradora ou protagonista, por exemplo, ainda assim, as narrativas seguem ecoando apenas suas experiências de sofrimento, exploração e trauma. É como se a realidade acozasse eternamente tais personagens, e não fosse a elas permitido outras narrativas, outras fabulações. Partindo dessa impressão, eu gostaria de saber: como escritora, o que você faz quando sente que a realidade acoza a sua imaginação?

Natalia Borges Polesso: Vou fazer uma consideração inicial: eu não sei se concordo com essa observação secundária. A centralidade na narrativa sim, mas a redução da experiência Não. Primeiro, porque é muito difícil que na produção de uma literatura que apresente personagens psicologicamente densas não sejam apresentados conflitos que

⁷ Mariana Filgueiras é jornalista cultural, escritora e doutoranda Faperj Nota 10 do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense. Foi professora na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECo/UFRJ) entre 2019 e 2021. Como jornalista, trabalhou no jornal O Globo, Tv Globo, Jornal do Brasil, além de colaborações para a revista Piauí, Continente e Folha de S. Paulo. É autora de *O avesso do bordado: uma biografia de Marco Nanini* (Companhia das Letras, 2023).

possam gerar imagens de experiência de sofrimento, exploração e trauma, tanto para personagens homens quanto para personagens mulheres. E eu entendo que essas experiências também são importantes. Isso não significa que as personagens se definam nesses termos, vejo sempre outras complexidades e caminhos. Se as subjetividades são subalternas, a ideia de gozo, de prazer, de completude também deve ser pensada de modo não hegemônico. Eu vejo uma diferença entre a literatura da primeira metade do XX para a segunda nesses termos. Como escritora, busco enredar em minhas histórias questões de sexualidade, afeto, família, aceitação, abandono, solidão, doença, colapso, fim do mundo, entre outros. Minhas personagens sofrem e são acoçadas pela realidade fabulada como contexto, porque escrevo com questões que me atormentam no mundo real. Meus romances mais recentes, *Corpos Secos* e *A extinção das abelhas*, trazem reflexões sobre o colapso ambiental, o fim do mundo, o capitalismo, etc, essas personagens são atingidas por questões materiais, que geram outros sofrimentos e complexidades na trama. Minha imaginação está implicada em desenvolver essas imagens, mas também repensar imagens de gozo e felicidade em outras formas de viver uma espécie de incompreensão do mundo. Por exemplo, penso que o final de *A extinção das Abelhas* seja um final feliz, pois outra coletividade não-padrão se forma para que as personagens encarem o chamado fim do mundo. Ali existe amor. Em *Controle*, a personagem passa o livro inteiro tentando compreender que tem outro ritmo de vida e que quer e pode viver daquele modo, muito embora o mundo lhe negue essa possibilidade por conta de uma doença. Mas ela descobre que é sim possível.

Mariana Filgueiras: E a partir desta reflexão, uma além: como você alimenta, afaga e cuida da sua imaginação?

Natalia Borges Polesso Olhando o mundo com tempo e paciência, tentando me convencer de que não estou sempre trabalhando, o que é muito difícil.

Adelaide Ivánova: Música te inspira a escrever (ou é “apenas” algo pra relaxar)? Que você tem escutado que seja cantado em língua portuguesa?

Natalia Borges Polesso: Música me inspira muito. Tenho sempre *playlists* para os livros que estou escrevendo. Listas longas, inclusive. Mas sempre varia e depende. Agora tenho ouvido muita Maria Bethania e Gal. Apesar de ser uma amante do pop estadunidense e

das bandas dos anos 80, tento de algum modo acompanhar o que se lança de novidades por aqui. Sou facilmente embalada, deixo a música me levar.

Cidinha da Silva: Como é que tu estás sentindo o mundo "pós"-pandemia e pós trevas bolsonaristas, pelo menos enquanto ocupantes do palácio do planalto?

Natalia Borges Polesso: Nem sei direito. Noto que tenho mais espaço mental. Dias depois que o Lula ganhou as eleições, notei que havia algo estranho e aí me dei conta que era não estar pensando em Bolsonaro o tempo todo. Isso já é um respiro imenso.

Micheline Verunschik: Que Brasil espera ser escrito e qual Brasil é possível escrever nesse momento?

Natalia Borges Polesso: Muitos Brasis eu acho que esperam ser escritos, se já não foram, e isso tem a ver com a possibilidade de mais pessoas poderem escrever e terem suas literaturas publicadas, distribuídas, divulgadas e lidas. Quero mais literatura escrita por pessoas indígenas, negras, LGBTQIAP+, quero outras visões de mundo, quero outras questões me afetando, outras tensões e outros alívios sendo pensados. Do mesmo modo, esse é o Brasil possível de ser escrito agora.

Douglas Laurindo⁸: Grande parte das organizações sociais tende a fraturar corpos dissidentes. Essas fraturas, formadas a partir das práticas de exclusão, exigem que nossos discursos e ocupações no mundo sejam reescritos, estritamente, ao lado da reivindicação de nós mesmos. Natalia, de que maneira(s) você acredita que a nossa experiência subjetiva e factual cria possibilidades de alteridade no campo da criação literária?

Natalia Borges Polesso: Eu acho que a resposta já está contida na pergunta. Primeiro que a literatura é um exercício de alteridade. Claro que nem sempre vai ser “bem-sucedido” e uso aspas aqui porque não podemos controlar ou esperar algum resultado desse exercício. Cada pessoa vai ler e compreender a partir das suas experiências de mundo, com tranquilidade ou estranheza, com horror ou alegria. É imprevisível. Agora essa posição

⁸ Douglas Laurindo é licenciado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa (UFAM). Além de professor, revisa, escreve e se dedica à pesquisa. É autor de *O limiar das fendas* (Urutau, 2022).

fraturada de que tu fala, certamente cria um espaço estético a ser experimentado, disso eu não tenho dúvidas.

Cidinha da Silva: Tu que gostas sempre de lembrar a importância que as políticas públicas de fomento à literatura e de apoio à escritora e ao escritor iniciante tiveram na tua vida e na tua produção, tens conseguido acompanhar as políticas públicas para a área do livro, leitura, literatura e bibliotecas dos primeiros meses do governo Lula? Qual é a tua avaliação?

Natalia Borges Polesso: Para falar a verdade, por motivos mais pessoais, não tenho acompanhado tudo. Fiquei entusiasmada com o edital do Prêmio Carolina Maria de Jesus, penso que é uma iniciativa excelente. Contudo, pensaria em alguns ajustes para que se integrasse melhor ao mundo do livro, ao mercado editorial e à possibilidade de circulação das obras. Sei que não foi exatamente isso que tu perguntou, mas gostaria de ver mais prêmios, bolsas e financiamentos para escritores, para pessoas iniciantes e veteranas e que consultassem mais escritores e editores para elaborar os editais, para que não fiquem descolados da realidade.

Mariana Filgueiras: Gostaria de comentar que tem sido difícil, como leitora (mais do que como pesquisadora), continuar a “ler com olhos livres” para parafrasear Oswald de Andrade, alguns autores que estigmatizam personagens, especialmente os corpos “inconvenientes”, como é o tema desta publicação. Autores que contribuíram com um imaginário que desumaniza personagens mulheres, negros, trans, doentes ou deficientes, pelos usos recorrentes de estigmas, lugares comuns, estereótipos, objetificação, animalização, invisibilização. Como tem sido isso para você?

Natalia Borges Polesso: Eu concordo que tem sido difícil ler literatura assim, que carregue estigmas e preconceitos sem discuti-los. Porém vou discordar de Oswald pra dizer que isso sim é ler com liberdade, com olhos livres. Ler criticamente é ler com liberdade.

Adelaide Ivánova: Natália, qual a primeira coisa que você faz quando acorda?

Natalia Borges Polesso: Bebo água (depois faço um café, dou comida para os gatos e vou para alguma tarefa que seja leitura, escrita ou simplesmente responder e-mails).

Cidinha da Silva: Quando sai teu próximo livro autoral e do que ele trata?

Natalia Borges Polesso: Tenho dois próximos livros no “forno”. Um deles lanço (ou já terei lançado, a depender da publicação dessa entrevista) em setembro de 2023 e o outro em julho de 2024. Ambos estão entregues. O de 2023 se chama *Foi um péssimo dia*, e é uma novela que traz em seu cerne questões de memória e afeto. É um livro de autoficção, em que recorro e ficcionalizo dois episódios de infância/adolescência. A história está dividida em duas partes: foi um péssimo dia *para a minha mãe e para o meu pai* e em cada parte estão narrados os péssimos dias para essa mãe e esse pai, na perspectiva da criança. Existe uma narradora adulta e intrusa que vem para explicar à criança (e às pessoas leitoras como algumas das coisas sucederam) sobre os sentimentos ali construídos pelas partes. Outro tema que me atrai bastante é o da infância e dos narradores infantis e a novelinha contempla bem. O livro de 2024, é um novo de contos! Estava com saudades de escrever contos, de pensar um conjunto de contos com algum tema ou fio condutor. Em *Condições ideais de navegação para iniciantes*, trago como fio condutor personagens queer que se encontram em situações limites, mas o foco é a compreensão das complexidades sentimentais delas. Tento também abordar diversos humores e construções de narradores. De algum modo, tudo se relaciona com água ou com navegar esses sentimentos.

Micheline Verunschik: A extinção das abelhas é um tecido de trama complexa que embora fale de questões cruciais do nosso tempo, desse estado apocalíptico contínuo, aponta também, política e esteticamente, para a necessidade de construção de um novo olhar sobre o mundo. Pensando nisso, como fazer literatura (e arte) em tempos de ruína?

Natalia Borges Polesso: A ruína é parte de tudo. Acho que precisamos encará-la. Ela pode ser um achado arqueológico, um templo para se guardar importâncias, um lugar de memórias, de segredos, a lembrança que não devemos esquecer, o lugar que precisamos reconstruir. Acho que no momento que a gente indaga a ruína, em que a gente vive a ruína, vamos compreender melhor onde estamos e, portanto, fazer literatura e/ou arte mais conectada com o tempo e o espaço em que vivemos.

Douglas Laurindo: No primeiro semestre deste ano, pesquisadores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade de São Caetano do Sul apontaram que a população idosa LGBTQIA+ tem o pior acesso à saúde, tanto em instituições privadas quanto públicas. Na tentativa de descolamento ou trânsito a que nos sujeitamos para espaços interiores, a fim de uma narrativa segura e sem incômodos, como acontece no conto “As tias”, por exemplo, de que maneira você lê, tendo em vista a atual conjuntura sociopolítica que nos afeta, o acesso à saúde de corpos “inconvenientes”?

Natalia Borges Polesso : *Eu não sei se entendi essa pergunta então vou pular, até porque logo depois tem outras duas perguntas que tratam do mesmo tema e que são melhores costuradas com a minha produção*

Carol Rodrigues: A Nanda de *Controle* (que vive com epilepsia) e a Regina de *A Extinção das Abelhas* (que vive com diabetes e hipertensão), me remetem muito ao ensaio *Sobre Estar Doente*, da Virginia Woolf: “Ter sempre compaixão, estar sempre acompanhado, ser sempre compreendido seria insuportável. Mas na saúde se deve manter esse fingimento cordial e renovar-se o esforço - de comunicar, de civilizar, de compartilhar, de cultivar o deserto, educar o nativo, trabalhar juntos de dia e de noite se divertir. Na doença esse faz de conta cessa. (...) deixamos de ser soldados no exército dos eretos; nos tornamos desertores.” A doença foi um ponto de partida para a criação dessas personagens? Pode falar um pouco sobre a construção desse ponto de vista “desertor”?

Natalia Borges Polesso: Para Nanda sim, a doença foi um ponto de partida. O rascunho de Nanda foi Ian Curtis, já que o livro foi uma encomenda e precisava ter uma relação com uma banda específica. Para Regina e Guadalupe não, foi algo que veio depois. Mas para todas essas personagens eu, desde o início, quis que alguma coisa as acometesse. Minhas personagens, em geral, têm questões de saúde. Eu acho importante marcar seus corpos desse modo. Talvez porque essa seja uma questão importante para mim, desde o nascimento (problemas cardíacos, asma, miomas, cirurgias, hemorragias, cistos, danos em nervos, a lista segue), sou uma pessoa afetada por questões de saúde e entendo que isso, de algum modo, molda nossa disposição para o mundo. Na ficção, a doença aparece, porque acho importante esse ponto de vista e de intenção nas ações das personagens, acho importante que minhas personagens sejam múltiplas e que tenham questões outras para além do enfrentamento do mundo ou justamente para o enfrentamento do mundo, mas de

outra lógica, da lógica do desertor, como tu bem contextualiza. Minhas personagens têm um que de apatia ou um fastio diante da vida, não porque não querem viver, mas porque, dentro dos padrões não podem. E isso oferece uma camada extra de complexidade para as questões LGBTQIAP+, por exemplo. É como se fosse um duplo enfrentamento.

Carol Rodrigues: Nesse mesmo ensaio, Virginia Woolf fala da ausência do corpo na literatura, que em geral tenderia a priorizar a mente. Na sua obra, o corpo está sempre lá (ainda que seco rs). E pensando no caminho contrário: como é que a literatura atua na sua própria percepção de corpo? Se quiser trazer exemplos de livros que te marcaram nesse sentido... vou adorar saber.

Natalia Borges Polessa: Seguindo a lógica da pergunta anterior: daí o corpo! Daí a marcação do corpo no mundo. Sempre digo que escrevemos com todo o nosso corpo e as tensões que o atravessam. Vou citar três livros que me marcaram muitíssimo e coincidentemente são três HQs. O primeiro é *Síncope*, de Aline Zouvi, que narra um dia na vida de uma instrumentista com ansiedade e conforme essa ansiedade toma a personagem, as cores do quadrinho vão ficando mais intensas; o segundo é *Modus operandi*, das argentinas Carina Maguregui e Muriel Frega, que conta a história de Angela, hospitalizada e num estado de semi-consciência, que passa por diversas cirurgias e retirada de órgãos e a cada pedaço seu que se vai, um pouco de sua memória vai junto; o terceiro é *O segredo da força sobre-humana*, da Alison Bechdel, que não fala exatamente de doenças, mas de exercício físico, corpo e envelhecimento. Esse eu li durante a pandemia, na versão em inglês ainda, pois a tradução não tinha saído no Brasil naquele momento. É um livro muito muito bonito e comovente.

Douglas Laurindo: A entrega amorosa é também uma resistência política. Natalia, gostaria que você comentasse sobre o afeto preservado, esse mesmo que, apesar de limítrofe em condições de opressão aos corpos marginalizados, nos dá matéria para a Literatura.

Flávio Adriano Nantes: Eu costumo dizer, como um bordão ordinário, que a literatura, para o bem ou para o mal (colocando a problemática da dicotomia em suspensão), estrutura-se como um gesto político; um gesto político de reivindicação por existências e existências menos precárias. Vide suas personagens Amora-Florlinda-Leci-Alvina,

posicionando-se, todas a seu modo, politicamente. Vc. se reconhece nesta engrenagem político-literária? produz a partir desta perspectiva – observar o mundo e as fissuras que ele causa, sobretudo aos sujeitos “inconvenientes”?

Natalia Borges Polesso: **Vou juntar aqui as respostas para a pergunta 21 e 22. Eu acredito que a literatura pode sim ser um gesto político, especialmente quando produzida por pessoas que não costumavam fazer parte do campo literário com alguma legitimação, pensando em Bourdieu. Digo isso, ciente de que o próprio conceito de campo literário pode ser repensando a partir de algumas mudanças nos meios de divulgação comercial e crítica nos últimos anos, se pensarmos, por exemplo, na dinâmica das redes sociais, na presença dos autores nelas e no surgimento de *booktubers* e *instagrams* de literatura, para citar algumas mudanças. Acho que essas articulações mudam o cenário e deslocam um pouco a chancela crítica, pensando que algumas dessas pessoas passam a fazer parte de júris de prêmios importantes, a citar, o Jabuti. É o ideal? Não. Ainda estamos longe de ter uma literatura plural que diga do Brasil e da nossa cultura e sociedade? Sim. Mas não se pode desconsiderar as mudanças, elas são importantes. Para além disso, há a rede de afetos, e penso nisso considerando que os caminhos do *Amora*, por mais que tenha ganhado prêmios, foram, de certo modo, os caminhos do afeto, dos clubes, das páginas LGBTQIAP+, etc. Me reconheço nessa engrenagem do ponto de vista de quem quer produzir uma literatura que pense e integre questões e estéticas dessas fissuras citadas na pergunta, mas que também produza afetos. E me reconheço como leitora ávida por encontrar essas personagens nas tramas contemporâneas.